

PRISÃO E COVID-19

JAYME WEINGARTNER NETO

Desembargador do Tribunal de Justiça RS
jwneto@tjrs.jus.br



É opinião da RBS que houve brutal erro na decisão “do final do mês passado” de soltar de forma generalizada mais de 3 mil presos no Rio Grande do Sul em razão da covid-19. Questão vital de política criminal, toda opinião informada é bem-vinda. Mas a premissa é duplamente falsa, na forma e no conteúdo: não houve uma única decisão, menos ainda a soltura a granel de 3 mil presos. O Ministério Público oferece número que difere do Judiciário (em março, excluída a execução penal, foram soltos 3.088 presos, menos do que os 3.099 de março de 2019). A questão é: esse dado foi checado? Foram consideradas as solturas naturais (não covid) ou a redução de 35% nos flagrantes/preventivas?

O resto, a escala faz o fenômeno, vem em cascata, mas a opinião pública merece informação acurada, numa batalha já quase perdida. Difícil resistir à tentação de surfar no populismo do encarceramento,

mas difícil ainda adotar medidas concretas para superar o “estado inconstitucional” do sistema prisional. Promessas se multiplicam em um Estado que regrediu para aglomerar presos em delegacias.

E a pandemia nos atravessa. A jurisprudência da crise, ao incidir sobre a crise anterior (superlo-

A jurisprudência da crise, ao incidir sobre a crise anterior, polariza ideologias

tação, insalubridade), polariza ideologias. O Conselho Nacional de Justiça recomendou rever prisões provisórias de pessoas em grupo de risco. Portarias do Ministério da Justiça sugerem que se isolem presos doentes em celas individuais ou respeitar distância

mínima de dois metros entre eles. Num sistema prisional que conta com 460,7 mil vagas para 752,2 mil presos, tal proposta “beira o escárnio” (31% das prisões nem contam com assistência médica), como registrou editorial da Folha de S. Paulo.

O Cremers, a pedido do Ministério Público, respaldou atos técnicos para identificar, monitorar e isolar casos no sistema prisional. Enquanto eu pensava por que a tuberculose atinge os presos de 30 a 35 vezes mais, a entidade esclareceu que não avaliou as condições do sistema prisional do RS.

A maioria das decisões foi individual, todas fundamentadas; equívocos, em algumas coletivas, foram corrigidos pelo Tribunal de Justiça. O quadro não é, fique tranquila a sociedade, de soltura generalizada de criminosos. Vale a sugestão, porém. Vamos debater, todos, com responsabilidade, alternativas para o sistema prisional.

NUNCA MAIS O MESMO

CLEBER PRODANOV

Reitor da Universidade Feevale
reitoria@feevale.br



O momento atual é extremamente interessante e perturbador, uma vez que experimentamos mudanças significativas em nossa civilização acuada por uma pandemia em expansão. Temos que ter entendimento de que vários conceitos e contextos estão sendo superados e vão influenciar mudanças que estarão permanentemente conosco daqui por diante, ou seja, o mundo pós-coronavírus não será mais o mesmo.

Isso está acontecendo tanto no campo das ideias quanto na nossa própria organização socioeconômica e produtiva, afetando significativamente nosso modo de vida. Se olharmos bem, inclusive no campo político, na visão que teremos do espaço público, da democracia e a ação de nossas lideranças.

Devemos observar atentamente os movimentos econômicos e tecnológicos que acontecem em

nosso cotidiano e que se processam como verdadeiras revoluções, como, por exemplo, o uso da internet. Essa ferramenta possibilitou uma nova visão sobre a informação e a produção do conhecimento e tem servido para criar uma inteligência coletiva e uma estrutura descen-

Vivemos o mundo instantâneo, solúvel, pronto para o consumo

tralizada de conhecimento, da mesma forma que é utilizada para disseminar a insegurança.

A instantaneidade do acesso, a integração das múltiplas plataformas e a formação de redes possibilitou um novo padrão

de trabalho e de disseminação do conhecimento. Quem geograficamente está isolado pode, através da rede mundial de computadores, estar inserido em um grupo de estudos e ter acesso ao que de mais moderno se pesquisa em qualquer área.

Aqueles acontecimentos que se materializam em regiões ou países distantes já nos influenciam no dia seguinte. Vivemos o mundo instantâneo, solúvel, pronto para o consumo. Esse fenômeno traz mudanças, incertezas e a necessidade de estarmos sempre atentos aos movimentos globais. Em todas as áreas de atuação profissional, na vida pública e privada, as mudanças chegaram e, na sua grande maioria, não vão retroceder, pois a experiência que estamos vivendo nos últimos meses deve nos preparar para entender que nunca mais seremos os mesmos.

ENTRE A BARBÁRIE E A VELHA LUZ

IGOR OLIVEIRA

Consultor empresarial
mrigoroliveira@gmail.com



Quatro semanas atrás, olhamos, eu e colegas da área de modelagem computacional, para os modelos epidemiológicos que começavam a surgir, comparando-os com alguns dados da capacidade do sistema público de saúde no Brasil. Suspeitamos de que havia uma grande desproporção entre as duas coisas. Um deles avisou de uma iniciativa de urbanistas preocupados com a situação das favelas durante a pandemia, que tinha recomendações para evitar uma catástrofe.

Um grupo de 20 pessoas reuniu-se, então, para adaptar um modelo epidemiológico para a realidade do Estado do RJ, incluindo as suas particularidades em termos de adensamento urbano e capacidade hospitalar. O resultado foi publicado em um website, o favelascontra-corona.com.br.

A mensagem era simples: se não fossem tomadas medidas de redução do adensamento excessivo, fornecimento de material de higiene e expansão de leitos de UTI, os fluminenses correriam o risco de passar até 93 dias sem qualquer leito de UTI disponível e com uma fila de até 77 mil pessoas. Isso poderia ser o colapso não só do sistema de saúde, mas da sociedade.

Mais tarde criamos uma versão do simulador que projeta os dados de qualquer localidade. Algumas dessas medidas (ainda insuficientes) estão sendo tomadas aqui e ali.

Uma grande lição dessa experiência é a dificuldade, no atual contexto brasileiro, de colocar de pé uma narrativa baseada em uma ciência cidadã, sem compromisso com organizações políticas nem com o corporativismo das profissões mais tradicionais.

Concorremos com as idas e vindas do governo federal, que ocupa o espaço da situação e da oposição. Convivemos com bots que inundam o ambiente digital com falácias governistas. Bots que são apenas uma das armas das avançadas ferramentas de propaganda que envolvem análise de redes, psicométrica e marketing segmentado. Acabamos por brigar pelo exíguo espaço das projeções que tratam a epidemia como um fim em si mesmo, sem olhar para o contexto social como fizemos.

Pergunto-me qual o futuro de uma nação presa na polarização entre as narrativas fabricadas como meras estratégias políticas e um escasso setor racional repleto de silos, que há muito perdeu o contato com a realidade e que, portanto, é incapaz de contar histórias com apelo.

Igor Oliveira escreve às sextas-feiras, mensalmente
Segunda-feira: Michel Galha, advogado

Concorremos com as idas e vindas do governo federal, que ocupa o espaço da situação e da oposição